

RESENHA

A crise estrutural do capital, de I. Mészáros

MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2009.
133 p.

Rodrigo Chagas*

A explicação liberal da “atual crise” do capital teve como eixo – e ardil generalizado – um elemento central: a falta de confiança. Como resultado, aqui no Brasil, algumas empresas divulgaram peças publicitárias de confiança e crédito no país e na economia. A ponto, por exemplo, de o SBT de Silvio Santos apresentar seu voto de confiança na economia do país em página inteira de jornal de grande tiragem, tendo como fundo a imagem de presidente Lula.

O discurso ideológico da confiança não foi exclusividade brasileira, pelo contrário, e, para além do empresariado nacional e internacional “consciente”, todo o aparato ideológico liberal apresentou-se na tarefa de salvação do sistema.

É respondendo a este ardil liberal que o filósofo húngaro István Mészáros inicia seu livro *A crise estrutural do capital*, valendo-se de discursos como o da revista semanal inglesa *The Economist* – “órgão de propaganda de circulação de massa, com o objetivo de mistificação geral”.

Dentre os vários elementos esclarecedores sobre o discurso do *establishment*, o autor aponta como todos saudaram o primeiro herói da crise mundial, aquele que iniciou a “nova” modalidade de “nacionalização da bancarrota do capital”: Gordon Brown, que trouxe como grande novidade, como “nova pragmática”, o fato de reverter “absolutamente nada” aos contribuintes “pela imensa soma de dinheiro investido em capitais fracassados”.

O livro editado pela Boitempo é, desta forma, uma resposta à crise mundial. Nele Mészáros retoma os principais elementos de sua análise, radicada na tradição marxista, para apontar que o capital continua a ser um sistema estruturalmente em crise, o que – “confie-se” ou não – torna a presente convulsão expressão atual de

* Mestrando em história pela PUC-SP.

uma crise generalizada que “vai se tornar a certa altura muito mais profunda, no sentido de invadir não apenas o mundo das finanças globais mais ou menos parasitárias, mas também todos os domínios da nossa vida social, econômica e cultural” (Mészáros, 2009, p. 17).

Como sintetiza Ricardo Antunes em sua introdução ao livro,

Mészáros teve a ideia de publicar em livro um conjunto de seus artigos e entrevistas, desde os mais recentes até os mais primevos, que de algum modo resgatassem sua análise e indicassem uma linha de continuidade decisiva para a compreensão dos elementos determinativos mais essenciais da crise que deixou órfãos e pasmos os ideólogos do sistema (Antunes, 2009, p. 9 – rodapé).

Trata-se, portanto, de um livro que busca contribuir para o debate da esquerda sobre a “atual crise”, trazendo um primeiro capítulo inédito, escrito no rebento do evento, em outubro de 2008, e um aperitivo do que será o próximo lançamento do autor no país, *A determinação social do método* (no prelo também pela Boitempo).

Outros três textos que compõem o livro são extraídos da última parte do seu volumoso *Para além do capital* (2002), textos mais antigos e que já haviam sido publicados no Brasil nos anos 80 pela Editora Ensaio – introdutora do autor no país (Mészáros, 1983; 1987; 1989). O único ponto lamentável é que a atual publicação não traz outro trabalho do autor há muito já esgotado em nossas livrarias e que não fugiria ao tema: o opúsculo *Produção destrutiva e estado capitalista* (1996).

Um dos pontos altos da reflexão apresentada são as denúncias em relação à dívida dos Estados Unidos e a manutenção de sua hegemonia, que leva o governo americano a agir por meio do que denomina de um “imperialismo de cartão de crédito”, garantindo sua função de motor econômico do mundo e sem indícios de um declínio significativo de seu poder – uma vez que Europa e Japão continuam “dependentes” do mercado norte-americano e de sua exorbitante dívida para garantir liquidez. Leva-nos, assim, a uma questão instigante: por quanto tempo o resto do mundo consegue tampar o “buraco negro” produzido pela economia americana?

Há somente duas certezas: a primeira é a de que a inevitabilidade da inadimplência norte-americana vai afetar a vida de todos neste planeta; a segunda, que a posição hegemônica dos Estados Unidos continuará a ser afirmada de todas as formas possíveis, forçando o mundo todo a pagar a sua dívida enquanto tiver condições de fazê-lo (Mészáros, 2009, p. 45).

Para além de desmontar o ardil liberal e expor o caráter estrutural da crise, o livro resgata algumas possibilidades de mudanças radicais, que passam pela erradicação do capital enquanto forma de reprodução “sociometabólica”; quer dizer, mudanças que engendrem “uma forma de socialismo em que – e por meio do qual – o povo possa não só *vir a ser*, mas também *se manter* como o sujeito soberano do poder em todos os domínios”.

Considerando-se as possibilidades existentes, o autor inicia o capítulo V – “Bolívar e Chávez: o espírito da determinação radical”² – resgatando o ideário de Simón Bolívar, grande referência da chamada Revolução Bolivariana do presidente venezuelano Hugo Chávez. Isto porque conclui que “o fermento social e intelectual da América Latina promete mais para o futuro do que o que podemos encontrar no capitalismo avançado” (Mészáros, 2009, p. 102). Assim, identifica as possibilidades concretas de superação do capital na América Latina e enfatiza o discurso chavista do socialismo do século XXI como resultado deste “fermento social e intelectual” que está conduzindo às mudanças radicais. Na verdade, compõe um panorama mais amplo, identificando

três líderes radicais, Lula, Fidel Castro e Chávez, não podendo esquecer o presidente Allende, que também tentou introduzir uma mudança radical em seu país, e morreu por ela (...) evidentemente, podemos agora acrescentar entre os líderes radicais latino-americanos o nome de Evo Morales.

O último capítulo do livro traz uma entrevista concedida a *Socialist Review*, intitulado “Uma crise estrutural do sistema”, que trata de maneira mais geral o problema da “atual crise” e suas principais posições teóricas – entrevista também disponível na internet, no portal da agência *Carta Maior*.

Concorde-se ou não com as teses apresentadas por Mészáros, o autor continua a ser referência para o debate da esquerda, uma vez que mantém, com grande erudição, uma ampla reflexão sobre as possibilidades de superação do capital como sistema sociometabólico de reprodução, sustentando uma lógica simples, mas poderosa: socialismo ou barbárie, se tivermos sorte. O que está em jogo é a continuidade da vida humana que beira a autodestruição. Mészáros segue confrontando assim, como J. Chasin já destacava em 1987, “o clichê preferido de nosso tempo: a perenidade do capital” (Chasin, 1987, p. 9).

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. “Introdução: a substância da crise”. In MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2009.

CHASIN, J. “Manifesto editorial II”. In: MÉSZÁROS, I. *A necessidade do controle social*. São Paulo: Ensaio, 1987.

MÉSZÁROS, I. Política radical e transição para o socialismo: reflexo sobre o centenário de Marx. *Revista Nova Escrita/Ensaio*, Ano V, nº 11/12. São Paulo: Escrita, 1983.

_____. *A necessidade do controle social*. São Paulo: Ensaio, 1987.

2 Este capítulo já havia sido publicado na revista *Margem Esquerda* n. 8. São Paulo, Boitempo, 2006.

- _____. A crise atual. *Revista Ensaio* n. 17/18. São Paulo: Ensaio, 1989.
- _____. *Produção destrutiva e estado capitalista*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Ensaio, 1996.
- _____. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.